

CAMINHOS DA BOIADA - MAPEANDO O BUMBA MEU BOI NA GRANDE SÃO

LUÍS⁴⁵⁵

Letícia Conceição Martins Cardoso⁴⁵⁶

Thalia França Gonçalves⁴⁵⁷

Resumo: O artigo apresenta resultados iniciais do mapeamento de grupos de Bumba meu Boi que possuem sede em São Luís e região metropolitana: Raposa, Paço do Lumiar e São José de Ribamar. A análise proposta possui como aporte teórico-metodológico a Teoria das Mediações de Martín-Barbero (2008). Especificamente, a pesquisa visa identificar, registrar e difundir os grupos de Bumba meu boi, por meio da produção de um mapa que circulará em formato impresso e digital.

Palavras-chave: Bumba meu Boi; Mapeamento Cultural; Mediações.

1 Introdução

Este artigo trata de um recorte de pesquisa ainda em andamento, que vem sendo realizada sobre o Bumba meu boi no âmbito do projeto Metodologias de Estudos Culturais: um olhar comunicacional sobre as culturas populares no Maranhão⁴⁵⁸ do Grupo de Estudos Culturais no Maranhão (Gecult-MA), vinculado ao Departamento de Comunicação da UFMA. O objetivo principal da pesquisa é desenvolver um mapa digital localizando os grupos de bumba meu boi do Maranhão com sede em São Luís e região metropolitana: Raposa, Paço do Lumiar e São José de Ribamar, estabelecendo reflexões sob o viés da comunicação.

A prática do bumba meu boi no Maranhão remonta ao século XIX e inicialmente era perseguida devido ao sistema escravocrata que proibia as manifestações de povos negros, além do preconceito das elites, por considerar essas festividades uma baderna, uma desordem pública. Porém, aos poucos, houve a permissão para a apresentação dos grupos nas áreas centrais da capital. Muitas lutas, adaptações, resistências e assimilações aconteceram até que em 2011 o Complexo Cultural Bumba meu boi passou a ser reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro. Em dezembro de 2019, tornou-se Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Utilizamos a expressão “Caminho da Boiada”, tomando emprestado o nome de uma rua

⁴⁵⁵ Trabalho apresentado no GT5:Folkcomunicação: narrativas, ritos, saberes e interculturalidade, da XX Conferência Brasileira de FolkComunicação.

⁴⁵⁶ Orientadora do trabalho. Professora Adjunta do Departamento de Comunicação da UFMA, doutora em Comunicação. E-mail: leticiaufma@gmail.com

⁴⁵⁷ Estudante de Graduação 10º período do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão, estudante de iniciação científica PIBIC, integrante do Grupo de Estudos Culturais do MA – Gecult. E-mail: thaliegoncalves@gmail.com.

⁴⁵⁸ A execução do referido projeto foi possibilitada por recursos oriundos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão (FAPEMA), por meio do Edital Universal da 2018/2019,

localizada no Centro de São Luís (atual Rua Manuel Jansen Ferreira), por ser parte da rota feita pelo gado durante o século XIX e início do XX, rumo ao matadouro público localizado nas proximidades. Com a tolerância das elites políticas, a partir da década de 1960, as brincadeiras populares como o bumba meu boi conquistaram caminhos novos, inclusive podendo dançar em bairros centrais e elitizados da cidade. O Caminho da Boiada, dessa vez não seria mais para o abate do gado, mas para as festividades do touro que morre e renasce todos os anos no imaginário popular maranhense.

A prática cultural do bumba-boi (ou boi, como também é conhecido) alia o sagrado e o profano, por meio da musicalidade, teatralidade, dança, artesanato, entre outras expressões artísticas. Está presente em diversas comunidades do Maranhão. A festa tradicional se baseia na narrativa mítica de morte e ressurreição de um boi, materializado na brincadeira⁴⁵⁹ em forma de alegoria de um boi-brinquedo (operado por uma pessoa geralmente nomeada como tripa ou miolo), em que os brincantes⁴⁶⁰ dançam, cantam e tocam ao seu redor.

Essa brincadeira, hoje considerada representante oficial da cultura popular maranhense, que por muitos anos sofreu, e ainda sofre, preconceito racial e social, constitui um símbolo de resistência das classes populares, marginalizadas, sobretudo da população negra que representa 70%⁴⁶¹ dos cidadãos maranhenses. Uma vez que, essa prática cultural vem há décadas se reelaborando, mesmo diante de uma realidade de segregação racial e ganha admiração e *status* da mesma elite (financeira, intelectual, política) que um dia a reprimiu.

Além de constituir prática cultural e identitária de diversos grupos no Maranhão, o Boi está inserido na lógica de mercado de bens simbólicos, na indústria do turismo, nos processos políticos e comunica valores, ideologias, anseios, variadas demandas de sua comunidade de origem, constituindo também um circuito complexo de comunicação ou, na perspectiva teórica adotada, um modo de mediação das comunidades.

Porém, ainda é comum, em discursos midiáticos, que os brincantes de boi sejam representados como “elementos exóticos de uma cultura a ser preservada e divulgada para fins turísticos, portanto, vistos de forma passiva e isolada das suas relações sociais e cotidianas” (CARDOSO, 2018, p. 02). Isto é, a visibilidade desses grupos ainda continua sendo atrelada a

⁴⁵⁹ As manifestações de culturas populares no Maranhão (danças, festas, teatro de rua), como o Bumba meu boi, Tambor de crioula, Cacuriá, Quadrilhas, são chamadas de brincadeiras pelo povo maranhense e seus participantes, de brincantes, nomenclaturas nativas que iremos empregar no decorrer do texto.

⁴⁶⁰ Categoria nativa que se refere aos integrantes do grupo, aqueles que “brincam o Boi”. (CARDOSO, 2018, p. 01)

⁴⁶¹ De acordo com os dados do IBGE de 2012 em uma matéria publicada no G1 Maranhão. Disponível em: <http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2012/11/negros-representam-74-da-populacao-do-maranhao-diz-ibge.html> Acesso dia: 18/12/2019

discursos folcloristas, em alguns casos somente no período junino, época de maior realização das festividades e espetáculos dos grupos de bumba meu boi.

Assim, com o objetivo de contribuir para o registro, a visibilidade e a difusão mais contextualizada desses sujeitos, não só no período junino, mas durante todo o ano, pensamos na elaboração de um mapeamento das sedes dos grupos de bumba meu boi localizados na grande São Luís.

Para a construção da pesquisa, numa perspectiva multidisciplinar, empregamos a teoria latino-americana das mediações (MARTÍN-BARBERO, 2008), já consolidada no campo da comunicação, aliada a conceitos da Geografia, relativos ao mapeamento cultural, método permite a coleta e a visualização dos elementos simbólicos e espaciais de uma determinada cultura.

Em nossa percepção, o estudo pode possibilitar o compartilhamento de valores, ideias, sentimentos e o sentido de pertencimento dos membros dos grupos de boi, além de contribuir para o reconhecimento de uma identidade regional nessas expressões tradicionais, num cenário político de convergência cultural da comunicação, de disputas por direitos culturais e de globalização.

2 CAMINHOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: mediações e mapeamento cultural

Em nosso entendimento, o boi constitui uma prática comunicacional das classes populares que produz sentidos variados e estabelece relações em todos os âmbitos da sociedade (político, econômico, institucional, religioso...) num processo contínuo e dinâmico de mediações.

A teoria das mediações proposta por Martín-Barbero (2008) deriva de estudos sobre os processos de comunicação nas sociedades latino-americanas. O autor desloca o olhar dos meios de comunicação de massa para se concentrar no entorno, pensa a comunicação a partir da cultura, numa crítica ao midiacentrismo. As mediações são os lugares de produção de sentido para os sujeitos; "o lugar" a partir do qual se atribui sentido à comunicação e esse lugar é a cultura⁴⁶². Sob esse viés, estudar o processo de comunicação significa compreender que entre a produção e a recepção dos produtos midiáticos há um espaço em que a cultura cotidiana se reelabora, o espaço da experiência vivida. Martín-Barbero sugere que a comunicação oral e o cotidiano dos sujeitos são o centro da produção de sentidos de uma determinada realidade:

⁴⁶² De modo semelhante, embora com bases epistemológicas distintas, a folkcomunicação nos permite pensar os processos comunicacionais dentro das culturas populares. Recuperando, a definição de Luiz Beltrão, a folkcomunicação é o “conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 1980 apud MELO, 2008). Nesse sentido, podemos estabelecer uma aproximação entre as teorias latino-americana e brasileira.

O que eu comecei a chamar de mediações eram aqueles espaços, aquelas formas de comunicação que estavam entre a pessoa que ouvia o rádio e o que era dito no rádio [...] Mediação significava que entre estímulo e resposta há um espesso espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo o que configura a cultura cotidiana. Era essa espessura da cultura cotidiana, que, para mim, na América Latina era muito rica [...] (MARTÍN-BARBERO *apud* BARCELLOS, 2000, p. 153-154)

As mediações não constituem um lugar palpável e material, mas possuem valor simbólico dentro do dia a dia dos sujeitos. As mediações são, portanto, os sentidos produzidos e as relações estabelecidas pelos sujeitos em sua experiência cotidiana, perpassando ou não a mídia.

Identificando diversas mediações que configuram os processos de comunicação na sociedade, Martín-Barbero elabora o “Mapa Noturno”, atualizado em 1998, no prefácio do livro “Dos meios às Mediações”. Nessa a versão, o mapa possui uma estrutura cíclica composta por dois eixos empíricos: um diacrônico ou histórico entre as Matrizes Culturais e os Formatos Industriais; e um sincrônico entre Lógicas de Produção e as Competências de Recepção (Consumo). Entre essas dimensões encontram-se as mediações da Institucionalidade, Tecnicidade, Ritualidade e Socialidade, que são as relações estabelecidas durante os processos de comunicação.

Para estudar os fenômenos culturais, midiáticos e não midiáticos, através desse protocolo analítico, assumimos uma postura histórico-contextual, que considera diversos aspectos (institucionais, tecnológicos, ritualísticos e sociais) no processo de comunicação.

Também teremos auxílio de conceitos da Cartografia/Mapeamento Cultural, campo de estudo próprio da geografia que tem como propósito a representação de elementos tangíveis e intangíveis por meio de mapas, cartas ou outros documentos cartográficos - uma projeção (a forma como a realidade é projetada), simbologia (a linguagem usada) e escala (visibilidade dos fenômenos, detalhamento). Entendemos por mapeamento cultural “um instrumento cartográfico que tem como objetivo demonstrar aspectos culturais, históricos e costumeiros de um território tradicional de um ou vários povos” (ACT BRASIL, 2008, p. 5).

Com a pretensão de contribuir para o registro, a visibilidade e a difusão dos agentes culturais das comunidades de bumba meu boi de São Luís, Paço do Lumiar, Raposa e São José de Ribamar, é que pensamos na elaboração de um mapeamento – neste contexto, o processo de medir, traçar, representar conceitos e conexões em tempo e espaço, tendo como aporte a “abordagem pela produção cultural como formadora do espaço” (SEEMANN, 2001, p. 61).

Considerando que o termo mapa é extremamente ambíguo nas suas funções e uso (ANDREWS, 1996), neste artigo, concordamos com a seguinte definição de mapa:

representação plana, numa determinada escala, dos aspectos geográficos, naturais, culturais e artificiais de uma área tomada na superfície de uma figura planetária, delimitada

por elementos físicos e político-administrativos destinados aos mais variados usos temáticos, culturais e/ou ilustrativos (SOARES, 2010 apud CASTRO, 2004, p. 96)

Assim sendo, o mapa (impresso e digital) que resultará de nossa pesquisa será uma representação não somente dos aspectos técnicos, como também uma apreensão do espaço econômico-político-social das comunidades de bumba meu boi da grande São Luís.

3 CAMINHOS PERCORRIDOS: discussão e resultados iniciais

O ponto de partida para começarmos a organizar o mapeamento foi buscar a lista de credenciamento dos grupos de Bumba meu Boi junto à Secretaria de Estado da Cultura e do Turismo do Maranhão (SECTUR). O credenciamento é um cadastro realizado pelo poder público para controle e registro dos grupos e artistas culturais, contendo itens de identificação como nome do grupo, número de inscrição, tipo (sotaque), telefone, proponente, endereço completo e representante. Através desse documento, que foi solicitado oficialmente por nós para fins de pesquisa, realizamos uma análise de conteúdo extraindo nomes, sotaque, endereço, telefone, para uma posterior identificação e seleção dos grupos situados na área da grande São Luís (o que inclui os municípios de São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa). No documento, constavam 153 grupos de bumba meu boi, oriundos de todas as regiões do estado do Maranhão.

A partir dessa lista, que constitui uma fonte primária para nossa pesquisa, criamos três outras listas: 1) para todos os grupos de São Luís; 2) grupos que estavam associados a produtoras; 3) para todos os grupos do interior.

Nessa etapa, percebemos que os dados correspondentes a endereço e telefone estavam incompletos ou errados, casos em que não foi possível identificar a rua, bairro e até mesmo a cidade. Encontramos 89 grupos (de todas as regiões do estado) representados no cadastro por produtoras que não foram encontradas.

No portal da SECTUR (cultura.ma.gov.br), na aba Edital São João 2019, tivemos acesso à programação do São João de 2019 abrangendo Centro Histórico, Arraial do Ipem, Arraial da Praça Maria Aragão e Arraial dos Bairros. A partir desse material, identificamos mais 25 grupos que não estavam inseridos no credenciamento, por serem considerados, segundo nossas análises, uma “categoria especial”. Tais grupos não precisam fazer credenciamento devido ao alto grau de organização da associação cultural e do contato relativamente frequente com o poder público. Foi possível interpretar uma distinção ou hierarquização entre os grupos de bumba meu boi no Maranhão, sob interferência do Estado, presente na política pública cultural do atual governo, mas que remonta a governos anteriores.

Esse modelo de estruturação e organização dos grupos de cultura popular no circuito oficial de festas vem sendo construído desde os anos 70, quando o então governador José Sarney por meio de ações de "proteção", "incentivo" e "valorização" das culturas populares, exporta o bumba meu boi como um representante da "cultura popular maranhense" (CARDOSO, 2013), isso depois da brincadeira passar por um processo de resignificação, seja com a introdução de novos personagens, assim como a modificação de elementos do vestuário e sonoridade, para se tornar polida aos padrões institucionais e esteticamente moldada às exigências do mercado de bens simbólicos e à indústria do turismo.

Essas estratégias de gestão cultural têm continuidade com a filha de José Sarney, Roseana Sarney, nos anos de 1995-1998, depois 1999-2002, período em que a então governadora desenvolveu táticas para estreitar laços com os grupos de cultura popular, como o "co-patrocínio" ou cachê, recurso captado mediante a Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei 8.313 ou Lei Rouanet), porém, repassado aos brincantes de forma personalista pela governadora Roseana Sarney.

Mediante inscrição num cadastro oficial, os grupos poderiam se apresentar no circuito cultural do calendário festivo do Estado. O cadastro oficial se tornou uma obrigatoriedade em 1997 e significou a exigência da institucionalização dos grupos folclóricos, que deveriam a partir de então apresentar um CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas), tornando-se associações ou empresas. Outra condição imposta é que a secretaria de cultura, à época, atribuiu níveis (categorias) "A, B, C e D", baseando-se em aspectos questionáveis e subjetivos como "tradição, vestimenta, quantidade de brincantes e performance". Por essa classificação institucional, o grupo de classe A, por exemplo, usufruía de uma posição de maior vantagem financeira e prestígio social.

Em 2018 essa classificação dos grupos populares pela Secretaria de Cultura e Turismo do Estado foi atualizada por meio da Resolução N° 3 de 26 de Novembro de 2018 (Resolução n° 03/2018-CONSEC). A política de cadastro oficial se reflete até hoje, com adaptações.

Apesar das interferências políticas, por parte das diferentes gestões governamentais, os grupos de bumba meu boi são ativos e disputam poder nessa arena política com o Estado. Os brincantes negociam, como podem, as lógicas e as relações com o governo instituído: pressionam as secretarias em movimentos organizados da cultura, exigem mudanças e ações específicas que atendam suas necessidades, trocam apoios mútuos com personalidades influentes, aproveitam-se da sua visibilidade e de seu prestígio como patrimônio imaterial brasileiro e internacional para atingirem seus propósitos.

O que vemos na atual gestão, do Governo Flávio Dino, é a tentativa de inserir a cultura política dos editais na seara da cultura, o que vem gerando muitas discordâncias e insatisfações

por parte dos grupos de culturas populares, devido às exigências burocráticas, respeito incondicional aos prazos, necessidade de acesso às redes digitais para participação no processo, entre outras condições apontadas pelos brincantes como dificuldades para participarem dos processos seletivos promovidos pelos órgãos oficiais. Para contextualizar, é preciso pensar na realidade dos brincantes de bumba meu boi em São Luís. Em geral, os grupos são formados por pessoas de classes populares, que vivem em contextos rurais ou periféricos da cidade, com pouco acesso à internet. Muitas vezes, os grupos são liderados e formados por pessoas idosas, que não estão acostumadas com as lógicas da racionalidade moderna/tecnológica; outras vezes, são pessoas sem instrução formal, que precisam do auxílio de outros agentes no processo, como jovens da família com estudo, pesquisadores ou profissionais da produção cultural. Daí, surgem tantos grupos representados por empresas (produtoras) que são criadas e extintas todos os anos e não têm vinculação alguma com as comunidades dos bois. É possível afirmar que nesse processo também surgem agenciadores mal intencionados e que se aproveitam economicamente dos brincantes.

Identificamos 5 produtoras que representam 89 grupos na lista cadastral oficial: Ronilson Produções Culturais, GRD de Sousa Produtora, SM Soares Barata Produtora, FP de Almeida Junior Produtora e WDR Oliveira Musical-ME. A princípio, levantamos questionamentos sobre essa ocorrência e estabelecemos hipóteses: essa contratação de serviço se dá pela demanda de organização e confirmação da documentação para o cadastro oficial, uma vez que a produtora tem maior facilidade pela busca de editais, seja pelo acesso à internet e conhecimento dos prazos. Porém, essas suposições precisam ser verificadas durante a pesquisa de campo (fase posterior), pois as primeiras tentativas de contato com essas produtoras não foram efetivadas, seja em razão da extinção delas ou da falta de dados de contato.

Outro aspecto que pôde ser observado, por meio da análise de conteúdo da programação do São João do Maranhão de 2019, é que os grupos de bumba-boi que constam ali não possuem a mesma quantidade de apresentações e consequentemente não recebem recursos financeiros na mesma proporção.

E aqueles grupos que identificamos não fazer parte atualmente da lista cadastral da SECTUR são justamente os grupos que mais se destacam na programação de 2019. São os grupos que negociam com o Governo do Estado por meio dos chamados "contratos de exclusividade", um instrumento jurídico acionado pelo poder público para contratação direta de determinados grupos por empresários ou instituições sem a necessidade do cadastro oficial. É como se esses grupos já possuíssem uma legitimidade ou um reconhecimento social, avalizada pelo Governo do Estado.

A distinção e hierarquização entre os grupos de Bumba-boi é uma consequência desse tipo de política cultural, pois o cadastro classifica e nomeia os atores culturais em categorias distintas. “Sendo a nomeação um ato que institui e cria realidades (BOURDIEU, 1996), o cadastro institui novos significados e relações entre os atores” (CARDOSO, 2013, p. 105-106).

Esse processo resulta em rivalidades simbólicas que perpassam as históricas desarmonias entre os batalhões⁴⁶³ e mantém-se nas constantes tentativas de reafirmação dos que estão nos níveis mais bem posicionados, em geral com discursos de defesa à tradição de sotaque, anos de resistência, inovações tecnológicas, institucionais e outras estratégias de sobrevivência.

Diante das inquietações iniciais motivadas pela aproximação com campo e a análise de conteúdo dos dados documentais, voltamos à lista de credenciamento e entramos em contato com os grupos através dos números de telefone disponíveis no documento, por meio de ligações telefônicas e pesquisas em redes sociais. Assim, foi elaborada uma segunda etapa de análise somente com os grupos que possuem sede em São Luís, São José de Ribamar, Raposa e Paço do Lumiar.

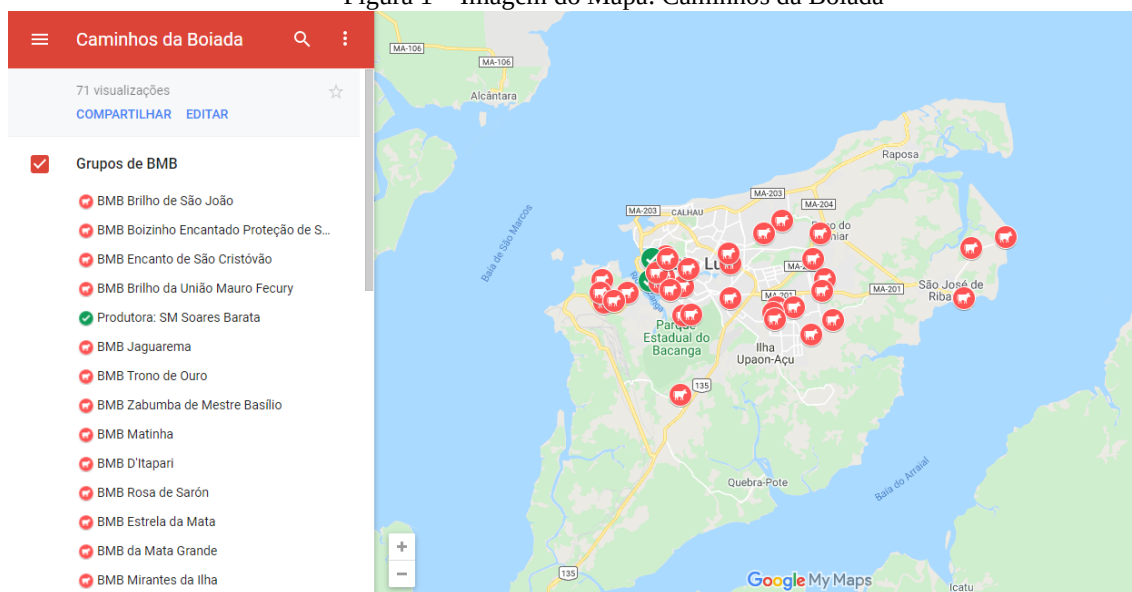
Identificamos 126 grupos, estando incluídos 71 grupos em que o número disponibilizado no credenciamento estava incorreto ou inexistente. Optamos incluir todos eles na lista até que seja confirmada a localização da sede desses grupos.

Desse modo, incluímos a localização de 34 grupos e duas produtoras em um mapa virtual, criado na ferramenta do Google "My Maps" (Figura 1) disponível gratuitamente na rede de computadores, que permite a criação de mapas personalizados, para que tivéssemos uma visualização de como essas sedes estão dispostas em São Luís e região metropolitana.

O mapa, intitulado "Caminhos da Boiada", é resultado das informações coletadas junto aos grupos e está em fase inicial, por esse motivo ainda está indisponível ao público. Apesar das informações de endereço e nomes estarem corretas, a ferramenta possui limitações e por esse motivo, somente foi possível inserir 71 grupos no esboço online. Desse modo, é necessário realizar o registro pessoalmente (*check-in*) para que o ponto do mapa fique o mais próximo da realidade. É preciso destacar que ainda iremos realizar o trabalho de diagramação e design do mapa, que ganhará uma versão digital e uma impressa, onde constarão os 126 grupos que serão adequadamente identificados e terão um pequeno texto de apresentação e registro de imagens.

⁴⁶³ Nome pelo qual se faz referência a um grupo de Bumba-meu-boi, especialmente aqueles do sotaque de matraca.(IPHAN/MA, 2011, p. 202).

Figura 1 – Imagem do Mapa: Caminhos da Boiada



Representação cartográfica da distribuição das sedes de Bumba Boi em São Luís e região metropolitana.

4 Considerações finais

Nesta fase da pesquisa nos apoiamos principalmente na coleta e análise de dados primários que servirão de base para o mapeamento cultural de todos os grupos de bumba-boi sediados na Grande Ilha. Para isso, buscamos documentos disponibilizados pela Secretaria de Cultura e Turismo do Estado, devido à abrangência e consistência dos dados. No entanto, como foi apresentado, ainda possui carência de informações básicas.

Diante dos novos desafios ocasionados pela eclosão da pandemia de Covid19, tivemos que repensar as estratégias metodológicas para alcançar nossos propósitos. Anteriormente à pandemia, a ideia era fazer uma pesquisa de campo com visitas *in loco* em todas as 126 comunidades de bumba meu boi previamente selecionadas na área abrangida. Agora, a logística possível é fazer os contatos e entrevistas por telefone e/ou aplicativo *Whatsapp*, com o objetivo de coletar informações precisas sobre o grupo, em forma de questionário para otimizar o tempo.

Estudar o bumba meu boi a partir das mediações (Martín-Barbero, 2008) é assumir que as práticas culturais têm autonomia para inserir-se nas dinâmicas da sociedade, incorporar ou rejeitar as ideologias dominantes, assim como negociar e fazer reelaborações de elementos na prática cultural, hibridizações, estratégias de sobrevivência, disputas e trocas com o poder oficial, de acordo com meios que dispõe.

Uma expectativa sobre estes primeiros resultados da pesquisa é de que esta contribua para qualificar e ampliar debates sobre as culturas populares no Maranhão. Para além da produção de conhecimento subjetivo, buscamos a materialização desses dados em um mapa que possibilite maior

visibilidade e reconhecimento social dos grupos de bumba meu boi, especialmente, aqueles que necessitam de estratégias de mediação, devido a suas condições materiais de vida.

O resultado desse investimento científico visa mapear os 126 grupos de bumba meu boi situados na região, compondo um banco de dados importante para futuras pesquisas, para registro e valorização do patrimônio imaterial do Maranhão e, em última análise, contribuir para a implantação de políticas públicas culturais mais adequadas às condições materiais de vida dos grupos de cultura popular.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, John. H. *What Was a Map? The Lexicographers Reply*. Cartographica 33 (4), p. 1-11, 1996.

CARDOSO, Letícia Conceição Martins. *As mediações no bumba meu boi do Maranhão: uma proposta metodológica de estudo das culturas populares*. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social – FAMECOS, PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS. Porto Alegre, 2016.

CARDOSO, Letícia Conceição Martins Cardoso. *OLHAR COMUNICACIONAL SOBRE BUMBA MEU BOI NO MARANHÃO: UM PROTOCOLO TEÓRICO-METODOLÓGICO BASEADO NAS MEDIAÇÕES*. XIV Enecult (Encontro de estudos multidisciplinares em cultura). 2018.

_____. *O teatro do poder: Cultura e Política no Maranhão*. São Luís: EDUFMA, 2013.

IPHAN (São Luís, MA). *Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão. Dossiê do registro como Patrimônio Cultural do Brasil*. São Luís: 2011. (versão digital) São Luís: Iphan/MA, 2011. 210 p.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Editora UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

Metodologia de mapeamento cultural colaborativo. – Brasília: ACT Brasil, 2008.

SEEMANN, Jörna. *Cartografias Culturais na Geografia Cultural: Entre Mapas da Cultura e Cultura de Mapas*. Boletim Goiano de Geografia. 21 (2): 62-82.jul./dez.2001

SOARES, F. S. *Mapeamento cultural: uma proposta de leitura do espaço* / Frederico dos Santos Soares – Brasília; IH/GEA/UnB, 2010.